

BREVE DESCRIÇÃO SOBRE ESPAÇO DE LAZER E MODOS DE FAZER A PARTIR DE OBSERVAÇÃO FLUTUANTE

Paula Aragão¹

Secretaria Municipal de Educação de Graccho Cardoso/SE
Programa de Pós-graduação em Educação Física/UFSC
LaboMídia UFS/UFSC

INTRODUÇÃO

A interação entre disciplinas e cursos distintos no âmbito acadêmico aparece como um diferencial no contorno da formação dos profissionais que se aventuram por veredas um tanto distantes da sua linha cotidiana de pesquisa. Em torno dessa discussão trago aqui um diálogo entre figuras de estudos antropológicos, uma aproximação entre esta e a área da Educação Física para dialogar sobre o espaço/lugar de lazer e as maneiras como as pessoas inventam o seu cotidiano. Neste caso, serão utilizadas informações referentes ao Complexo de Lazer Orla de Atalaia na cidade Aracaju- SE, mas precisamente do Complexo de Esportes Radicais – uma dos equipamentos com compõe o Complexo da Orla-, no qual encontramos o Skatepark Cara de Sapo.

Propondo uma breve abordagem da construção do complexo e a sua representação, buscamos através dos resultados do estudo do mapeamento dos equipamentos de lazer², de registros fotográficos e filmográficos³ e principalmente, através da observação flutuante os usos e apropriação destinados pela população, levando em consideração a finalidade à qual se destina a construção de tal empreendimento na capital do estado. Ao longo do complexo de lazer aparecem as manifestações de apropriação desses espaços e como se constitui o seu cotidiano a partir

¹ Professora Mestranda PPGEF/UFSC (aragao_paula@hotmail.com).

² Os Equipamentos de Esporte e Lazer da Orla de Atalaia, artigo organizado por Diego Mendes e apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte em 2011, primeiro artigo do livro que trata de esporte, acessibilidade, tribos e equipamentos de lazer no Complexo Orla de Atalaia.

³ Material organizado no tempo da pesquisa que data de 2009 a 2010, em no início de 2012 em observações específicas para este trabalho de conclusão de disciplina.

das intervenções ou interferências dos seus frequentadores, observado principalmente na pista de skate Cara de Sapo.

A necessidade de construir lugares nos quais as pessoas possam se divertir, esquecer o tempo, folgar-se das atividades laborais, dos estudos, das responsabilidades diárias, enfim, onde as pessoas possam se desvencilhar de tudo que prende o ser humano ao dever e ao compromisso social não é uma necessidade recente. Mas é que o momento atual permite passagens, permite às pessoas somente o menor tempo de permanência possível nos lugares, trazemos aqui a discussão de Marc Augé (2010) sobre os lugares e não lugares antropológicos. Nos não lugares os vestígios são sempre fugidios, sem permanência, nem muito sentido, pois, a efemeridade lhe é intrínseca; já nos lugares há uma marca, há sentido, uma espécie de aura, de algo que exprime significado.

É certo que nas sociedades industrializadas da modernidade o impacto do modo de vida do trabalhador foi um ponto importante para que nos grandes centros industriais fossem desenvolvidos parques, praças, áreas de recreação. Sabe-se que para além de garantir o descanso e a diversão do trabalhador os espaços de lazer construídos após as várias reivindicações de diminuição de tempo de trabalho e garantia do descanso das jornadas intensas de doze, dezesseis, dezoito horas, outro motivo esteve relacionado à manutenção de um contingente de trabalhadores ignorantes⁴ da organização político-econômica. Assim, não se controlava somente o tempo de trabalho, mas de igual modo o próprio tempo livre do trabalhador.

Os estudos acerca do lazer que partiram das áreas das ciências sociais, em destaque a sociologia, permitiram que fosse analisado o interesse de trabalhadores em relação ao tempo livre, porém viemos tratar da relação das pessoas com os espaços de lazer. Tentar das formas encontradas pelos frequentadores para utilizar os lugares destinados às práticas de lazer, de acordo com as suas necessidades e como estes se representam nestes espaços a partir das formas de apropriação. Aqui procuraremos suas marcas, sua organização, interesse no uso, enfim, seu modo de ser e se fazer presente no

⁴ De outro modo seria alienado (obedecendo à lógica marxista que se ocupou basicamente dos estudos referentes a luta de classes, em defesa da classe trabalhadora ou proletariado).

lugar frequentado para a prática de lazer habitual, utilizaremos para isso Michel de Certeau (1994).

Diante disso, sejam os objetivos daquele que faz ou daquele que usa, existem outras conformações que devem ser pontuadas. Nas sociedades atuais nota-se cada vez mais que a construção de espaços nos quais as pessoas possam usufruir o seu tempo livre obedecem à lógica político-econômica, para não dizer somente mercadológica. Temos exemplo dos grandes centros urbanos com seus shoppings, centros comerciais, locais que abrigam uma infinidade de formas de distração e entretenimento onde as pessoas se “perdem”, “voam” atordoadas em um jogo de vende e compra quase que hipnótico que demarcam os não lugares da supermodernidade de Augé (2010).

Nesta mesma perspectiva, também existem nas grandes cidades, construções de cunho lucrativo como os polos turísticos. Estas se transformam em localidades onde o lazer, o esporte, as produções artísticas em geral e o comércio são o chamariz rentável, as próprias cidades se transformam em pontos de atração que se vendem ao bel prazer daqueles que estão ávidos por entretenimento a qualquer preço, sejam moradores locais ou visitantes. A sociedade do espetáculo da qual fala Debord (1997) tornou-se a meta de muitos projetos políticos para as grandes cidades brasileiras, principalmente aquelas que já ocupam o lugar de polo turístico, pois bem, isto serve também para pensar neste projeto com relação àquelas que ainda não estão nessa lista. Estes são os não lugares da supermodernidade, onde se passa se é identificado por cartões, números, cifras, etc.

Estamos, por exemplo, presenciando atualmente a transformação de várias cidades, capitais brasileiras em função de projeto esportivo dos megaeventos⁵ que sem dúvida trará ao país grandes investidores, um projeto que influi não somente no setor esportivo, cultural e de lazer. Será que as megaconstruções⁶ que irão abrigar copa, Jogos Olímpicos ficarão em função de uma população que está sendo afastada a pontapés dos

⁵ Megaeventos é o nome atualmente utilizado por pesquisadores das áreas como a Educação Física e o Jornalismo para definir os eventos esportivos de caráter mundial, a exemplo da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, os quais acontecerão no Brasil respectivamente em 2014 e 2016. Lembrando que outro grande evento já fez a vez de abertura do Brasil como sede em uma década esportiva (2007-2016), o Pan-americano realizado no Rio de Janeiro.

⁶ Para acompanhar a denominação *megaeventos* ao qual se refere.

seus arredores? Será que estas construções que atrairão com seus eventos milhões de turistas terão algum sentido para aqueles que ficarão? Ademais, será que foi para essa população, que provavelmente não terá acesso a estes grandes encontros de personalidades mundiais em virtude dos preços exorbitantes dos ingressos, para a qual serão terminadas obras superfaturadas com dinheiro público? Qual será o significado destes espaços que ficarão para uma população carente de políticas que façam funcionar melhor os dois pilares principais de uma nação: educação e saúde?

É o espetáculo em alta, não importa se a população vai ou não concordar, vai ou não usufruir, seja ou não sua necessidade, é a passagem dos acontecimentos visados pelo setor econômico, é o mundo sem fronteiras que desbrava, usufrui e descarta as peças usadas, é o efêmero da supermodernidade. Quantos espaços públicos de lazer são construídos com objetivos outros que não de fato para a população desfrutar do seu tempo livre? Como será a participação dos cidadãos na projeção e construção de locais que a população local esteja engajada, seja convidada ou convocada a dar sua opinião? A partir de que metas aqueles que pensam os espaços de lazer projetam e constroem essas estruturas? Terão elas o gosto e a participação da população? Terá a população condições de aproveitar o que lhe é oferecido sem o inconveniente do pouco tempo livre ou do escasso aspecto financeiro? Como será a apropriação dos espaços quando não há participação inicial em sua construção?

É claro que nem todas as respostas a estas perguntas são possíveis, contudo parte delas está interligada ao processo de apropriação da população aos locais que se dirigem para aproveitar o tempo com a família, com os amigos, com desconhecidos que apreciam a mesma prática de lazer; com pessoas que compartilham o mesmo lugar, que também inscreve ali sua forma de estar. Enfim, como poderão ser descritos estes espaços de lazer que possuem uma forma específica dada pelos seus frequentadores ora casual, ora somente intencionalmente pelo seu uso cotidiano? Como poderão ser descritos os espaços/lugares de lazer a partir da ótica antropológica? Esses questionamentos sim podem ter alguma descrição aproximada.

DOS LUGARES AOS ESPAÇOS URBANOS: UMA APROXIMAÇÃO ANTROPOLÓGICA

Neste contexto de discussão pretende-se verificar o que é possível pensar, a partir de alguns autores, acerca de espaços urbanos.

De início vê-se a necessidade de focalizar o que seria a cidade, lugar, depois o espaço urbano. Ora abrigo do anonimato, ora do que se faz visível, a cidade permite que as pessoas se manifestem intencionalmente por entre seus lugares, ruas, guetos, becos, praças, locais que adquirem, a partir de uma visão antropológica, o contorno destes que por ali se deslocam e inscrevem algo que logo o torna parte desse emaranhado. A cidade, assim, pode ao mesmo tempo ser o palco do invisível e do visível. Aqueles que se escondem na sua penumbra, aqueles que fogem do alcance do olhar de quem observa⁷, aqueles tidos como marginais, os quais junto aos seus territórios são praticamente invisíveis à sociedade em virtude das práticas permitidas somente no anonimato, à exemplo da prostituição.

Ocorre também o inverso, tornam-se visíveis estes mesmos atores, dentre tantos outros nas cidades, pois são observados independentemente de quem observa, pois há inúmeros meios para tal. Vê-se o exemplo da tecnologia que mostra seu potencial a partir de profissionais, mas também de mãos pouco habilidosas que numa simples transmissão para uma rede social na internet faz conhecido no mundo inteiro um anônimo/um fato que simplesmente “passa” no lugar habitual.

Então serão as cidades os lugares para a expressão de liberdade das pessoas, guardadora de memórias, em anonimato ou não, são de acordo com Velho (1999) palco de organizações sociais particulares, de sociabilidades, de níveis de cultura e suas relações, da dinâmica de grupos e suas problemáticas, das formas de lazer e identidades. As pessoas agem em seus lugares, dentro ou fora do centro dominante. Assim, a urbe comporta movimentos intensos, manifestações que irrompem descontinuamente, abruptamente e com grande representatividade social como aponta Canclini (1998).

As cidades apresentam os seus contrastes em cada pedaço de arquitetura, a partir mesmo de sua organização ou referências. Zona de classe A, zona de classe B, zona

⁷ Quem observa a cidade não é somente um estudioso da antropologia, por exemplo. Mas é vigiada pelo poder daqueles que tentam manter a ordem, o inverso também é verdadeiro.

rica, zona pobre, o bairro popular, o bairro nobre, enfim, principalmente quando se destacam as diferenças econômicas, os espaços nas cidades ficam cada vez mais demarcados e por sua vez vão ganhando uma forma de organização diferente a depender das necessidades da população. É certo que para isso existe uma atuação política e um jogo econômico, então a construção de espaços de convivência, de áreas de lazer, parques, fica cada vez mais a cargo de interesses mercadológicos.

No entanto, citando Certeau (1994) ao afirmar a desconstrução de um conceito de cidade singular vê-se que

Se no discurso a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o plano urbanístico dela excluía [...] a cidade representaria o poder panóptico e as forças e movimentos contraditórios que se compensam e combinam dentro dela estão fora do seu alcance (CERTEAU, 1994, 174).

Nesse sentido, os lugares que o autor se refere ao plano arquitetônico, já os espaços são os lugares que agregam os sentidos daqueles que lhes imprimem sentido, daqueles que o possuem. Assim, os espaços são os lugares que falam, que possuem uma representatividade própria, os espaços urbanos apresentam-se plurais representando de alguma forma parte da população que faz deles parte do seu cotidiano a partir das “práticas do espaço”, as quais Certeau (1994) fala ao entender que a população é capaz de uma reapropriação a seu modo de um lugar, ora controlado por um sistema administrativo. E nestes espaços, de acordo com o autor, se faz possível identificar as práticas como fios que tecem, com efeito agregador, as condições da vida social a partir de procedimentos que ele chama de multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos, procedimentos que escapam à disciplina imposta pela organização sistemática, que deseja expurgar todo o indesejado de dentro do espaço urbano.

Desse modo o espaço urbano se constitui plural a partir das maneiras de fazer dos próprios cidadãos. Além de tudo, a possibilidade dessa atuação ora tratada por Certeau (1994) como uma “antidisciplina” (quicá uma subversão), mostra que é preciso concordar com a pluralidade, pois assim como bem lembra Leite (2002) todo espaço urbano é antes uma propriedade pública (116 p.). Isso acontece a partir do momento em que as ações dos seus usuários atribuem sentidos de lugar e pertencimento a estes

espaços, os quais passam a ter essa relação recíproca. Para esse autor os espaços públicos (também urbanos) são lugares onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente.

Assim sendo, pode-se atribuir ao espaço urbano o caráter de público para designar estes pontos da cidade nos quais a ação dos cidadãos é forte influência que lhe confere sentidos e significados.

POR FALAR EM ESPAÇOS... DE LAZER

Ao introduzir esse breve trabalho um ponto importante que deve ser retomado refere-se à introdução (necessária) dos espaços de lazer nas cidades. Dentre tantos espaços urbanos, aqueles destinados ao lazer e atualmente a práticas esportivas se constituem em espaços públicos, seguindo a conceituação de Proença Leite. Nestes locais os modos de fazer das pessoas se apresentam espontaneamente, existem marcas que geram significados, visíveis ou invisíveis.

Cada vez menos são construídos nas cidades espaços apropriados para práticas ao ar livre, principalmente se pudermos observar essa distinção por bairros e suas diferenças econômicas. Apesar dos apelos para a importância dessas áreas específicas, as cidades crescem desordenadamente e o projeto urbanístico não dá conta da demanda populacional que cresce vertiginosamente. Cada vez menos a população é atendida no sentido de garantir praças, parques, complexos de lazer, enfim, espaços públicos para a realização de jogos, brincadeiras e atividades de lazer que estejam adequados aos interesses da população, lugares onde possam permanecer por algum tempo, onde tenha liberdade suficiente para permanecer fazendo o que gosta e da maneira que gosta.

Contraditoriamente, outra ação muito frequente por parte dos nossos administradores é construir as áreas e relegar ao esquecimento, deixando-as sem manutenção, fiscalização e segurança, fatores imprescindíveis para que a população possa desfrutar dessas áreas como relata Oliveira (2010) ao tratar da questão da construção e revitalização de espaços públicos de lazer em Manaus. Assim ocorre na maioria dos bairros periféricos das grandes cidades, onde praças estão em completo abandono, áreas destinadas a práticas esportivas e de lazer estão depredadas ou sucateadas pela própria população.

Isso porque, muitas vezes, o que importa em primeiro plano são as obras destinadas a atender o interesse econômico que normalmente são aquelas que estão mais em destaque na cidade como pontos turísticos, esportivos, dentre outros que atraem investimentos principalmente do setor privado.

Um exemplo claro desse interesse é apontado por Leite (2002) em seu trabalho de pesquisa sobre o Plano de Revitalização do Bairro do Recife, no qual ficam em evidência três objetivos para reanimar a capital que se tornou há muito tempo um dos polos turísticos nordestinos mais frequentados. Os três objetivos estariam norteados a transformar o bairro em um centro de serviços modernos, cultura e lazer; torná-lo um espaço de lazer e diversão que promova a concentração de pessoas nas áreas públicas criando um espetáculo urbano; além de destacá-lo no cenário mundial como centro de atração turística.

Para tanto, a população pouco é consultada para que essas obras e construções sejam erguidas. Assim, emergem centros e mais centros turísticos atendendo a uma demanda que está fora do cotidiano da cidade, que ocupa um lugar ao qual é direcionada grande atenção por parte dos investidores. Enquanto isso, nas regiões periféricas, ou suburbanas, bairros afastados destes centros são repelidos, sua população mal usufrui dos direitos básicos, como poderiam estes cidadãos desfrutar do direito à apropriação, à participação e à gestão da cidade como defende Lefebvre (1991)? Como estar em um lugar e poder praticá-lo?

DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em aproximadamente um mês de observação pode-se perceber que existe um crescimento gradativo do número de adeptos destas práticas esportivas e de lazer sejam amadores, profissionais ou iniciantes. Pessoas de todas as idades frequentam o Skatepark na Orla de Atalaia. Diferente dos locais de associação e federação nos quais a maioria é de indivíduos adultos.

Neste estudo fiz uso de uma espécie de observação flutuante, com base em estudos da área da antropologia, método para o qual se tem a seguinte definição

Consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento

em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes (PÉTONNET, 2008, p. 102).

Mesmo com tanta discussão quanto às formas metodológicas na área, essa definição apresentada se fez bastante eficaz pelo fato de adentrar em um território totalmente desconhecido em termos de usos e costumes dos seus frequentadores. É como se pudesse se deixar levar, querendo somente uma aproximação do que é observado.

Foi através das orientações de seguidas em Pétonnet (2008) que pude perceber as características que compõe o cotidiano no Skatepark, os modos de fazer daqueles que o frequentam, quem são aqueles que passam, quem são aqueles para os quais a pista tem um significado profundo, enfim, pude através da observação flutuante detectar uma característica singular em um equipamento de lazer.

APROXIMAÇÃO E DESCRIÇÃO DA ORLA DE ATALAIA EM ARACAJU

O Complexo de Lazer Orla de Atalaia foi construído na praia de Atalaia em Aracaju, capital sergipana, em 1994. O complexo fez parte de um projeto urbanístico destinado aos bairros que circundavam a praia, que se estendiam dos mesmos formando comunidades ribeirinhas. Além disso, a grande extensão de faixa de areia que separava a Avenida Santos Dumont da praia foi o alvo perfeito dos olhos empreendedores dos administradores governamentais.

Construído em quatro etapas que acompanharam os mandatos do governador Eng. João Alves Filho entre os períodos de 1994 e 2006, o complexo é o maior do nordeste e concentra em seus seis quilômetros uma gama de equipamentos de lazer, diversão, recreação e entretenimento. Além de atrair a atenção de investidores privados, que nos últimos anos ampliaram a rede hoteleira em um crescimento descomunal às vistas de qualquer sergipano (ou conhecedor do local).

Aracaju entrou timidamente no rol das cidades turísticas do nordeste, aparecendo graças à estrutura oferecida pelo empreendimento que poderia dizer turístico. O fato é que a grande parede de hotéis que escondem os bairros (logo atrás) dos olhos do turista e dos demais frequentadores dos equipamentos na Orla, não deixam ver parte de uma população que tem suas praças deixadas ao encargo do tempo,

esquecidas há anos, visto o tempo de observação realizada pelo projeto de mapeamento dos equipamentos da Orla já citado.

Outro fator digno de nota é que a população local que frequenta a Orla caminha no contrabalanço do que se pede nesse espaço de grande movimentação financeira, quase metade desse contingente não usufrui de parte dos espaços e dos equipamentos do complexo, pois os mesmos são administrados por setores privados da sociedade. Destacam-se as associações e federações que se instalaram com incentivo do governo (sem maiores esclarecimentos para a população) como a Associação Sergipana de Kart, a Federação Sergipana de Tênis, incluindo recentemente a Federação Sergipana de MotoCross, pois dentre as últimas obras no complexo foi construída uma pista desta modalidade esportiva.

DO SKATEPARK E OS MODOS DE FAZER DOS SEUS FREQUENTADORES: CONSIDERAÇÕES

Todas as federações ou associações instaladas na Orla de Atalaia, com o argumento de manutenção do espaço utilizado, exigem taxas dos seus usuários a preços que eles mesmos estipulam. Um dos poucos espaços de grande movimentação e que atualmente parece pequeno para o contingente de visitantes é o Skatepark Cara de Sapo, que apesar de ser constantemente frequentado pelos skatistas é também palco para patinadores e atletas de BMX (Bike Moto Cross).

Criado na última etapa de construção do complexo de lazer no ano de 2005, a pista de skate batizada como Cara de Sapo em homenagem ao melhor skatista sergipano abrigava somente praticantes de skate⁸, por ordem de controle do espaço⁹, inclusive com policiamento para manter a organização.

O espaço frequentemente era pintado de um tom acinzentado quando havia reforma, normalmente ocorrida no início do ano a partir do segundo ano de construção.

⁸ Dado informado em entrevista no ano de 2009, por uma skatista que frequenta o espaço desde sua inauguração. Este trecho encontra-se na pesquisa sobre as Tribos da Orla apresentado no Cobrasse 2011 em Porto Alegre.

⁹ Controle imaginado por aqueles que projetam a cidade e seus espaços, mas que as pessoas subvertem.

Porém, um colorido reaparecia como num passe de mágica até que, em flagrante, alguns grafiteiros foram vistos nas últimas observações redesenhando o lugar, concedendo-lhe um sentido ou significados, maquiando com colorido forte da grafiteagem de tons de pôr do sol, desenhos, nomes que se referem aos seus idealizadores. Os grafiteiros eram também skatistas que encontravam naquele lugar uma forma de mostrar sua arte, eles saíam do anonimato.

Enfim, o cotidiano atual dos frequentadores do Complexo de Lazer Orla de Atalaia exige estratégias, “maneiras de fazer” e de viver o espaço urbano, tornando-o público, exigindo ao seu modo (superlotando os locais como a pista de skate ou invadindo¹⁰) aqueles equipamentos de lazer administrados por órgãos particulares.

Os skatistas saem desse espaço fechado no complexo e vão buscar outros “picos”, pontos nos quais se esforçam para executar as manobras mais impensadas também. Mas os skatistas que estão há mais de oito anos com essa prática dizem do Skatepark um lugar, uma casa. Enfim, entendendo como propus na discussão inicial, eles fazem desse lugar um espaço de convivência, um lugar de troca de experiência entre mais antigos e mais novos no skate, isso não se relaciona à idade, mas ao tempo de prática.

De todo o complexo da Orla, o Skatepark ainda se destaca por ter sido desenhado e fiscalizado por skatistas ou por pessoas ligadas de algum modo à prática. Um lugar onde se podem ver nomes de pessoas que parecem querer sair do anonimato (Stl, Vanderson, Emerson, Cristo, Faki, Sapulha), frases que reivindicam ou fazem pensar o que se diz (Simplicidade, união e liberdade; Zona sul; Uma cidade para todos; Paz, onde está?; I Love quebrada; Deus é fiel; favela no ar), palavras soltas e símbolos que fazem alusão à paz, à música também aparecem nos obstáculos da pista e na pista vertical (Half Pipe). Enfim existem figuras, formas, símbolos em grafite, há também um vasto número de emblemas e inscrições em pichações.

É um espaço onde é possível encontrar pais e filhos, grupos de amigos, lugar de incentivo a tentar transpor obstáculos. Lugar de dividir o que sabe com quem se convive

¹⁰ Ação de um patinador jogador de hóquei para entrar no complexo tenístico administrado pela Federação Sergipana de Tênis. Registrado em entrevista em 2009.

e o que não sabe também, falar sobre *flip*, *ollie*, (manobras). Espaço de praticar tentativas, de acertar, de perder o medo, de persistir, pois a cada tentativa tem sempre alguém incentivando. Onde o silêncio é um dos modos mais curiosos de comemoração, apenas um gesto de positivo, de cabeça baixa para exprimir uma manobra surpreendente (saltar a escada de cinco degraus, por exemplo).

Os skatistas parecem incansáveis, mas param, descansam, buscam água, lanche, banheiro, tudo a seu próprio tempo. Sabem que o tempo não é um fator que conte muito quando entram na pista, a não ser que a namorada, a mãe ou o pai estejam à espera. No mais, o tempo é mais um elemento dentre tantos outros que não tem muito significado. O tempo, não os prende e a prática de lazer com o skate, como considero nesta observação é mais uma forma dar vida a um lugar, transformá-lo em espaço.

No entanto, este que é um espaço onde se vive, onde skatistas, bikers (atletas de BMX) e patinadores, mesmo machucados estão presentes, ora para apreciar o *rolê*¹¹ dos amigos/colegas, ora para deixar passar o tempo, ficar deitado nos obstáculos, até cochilar. Nestes casos, o tempo não passa muito rápido.

Quanto ao que se tem por lugar e não lugar discutido inicialmente ficou claro que estes dois conceitos se confrontaram, pois o lugar que pode se transformar em espaço como consegui identificar nas pessoas que frequentam assiduamente a pista suas inscrições cotidianas, representam o espaço e são representados e às vezes até reconhecidos por estarem constantemente fazendo parte da sua configuração. No entanto, este mesmo espaço é o não lugar do turista que esporadicamente usufrui dele. É parte do Complexo de Lazer da Orla de Atalaia, criada com intuítos mercadológicos, aquele que permite passagens, não inscrições, poucas configurações que mostrem um hábito cotidiano, uma maneira de fazer que possa por vezes fugir ao padrão pré-estabelecido por quem administra.

E ainda é através da prática de lazer que os frequentadores apresentam o seu modo de fazer. Dos demais itens do Complexo não se sabe, nem mesmo acerca das necessidades do bairro, mas de um modo sutil ao longo do tempo parte da população vai

¹¹ Gíria frequentemente utilizada para designar o desempenho nas práticas encontradas. O percurso ou numero de manobras executadas por quem está tentado progredir, avançar.

se apropriando desses espaços da urbe, como pode ser visto nestas observações direcionadas ao Skatepark, saindo e entrando do anonimato, reivindicando seu direito de usufruir de espaços de lazer sem alarde.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. *Não Lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. SP: Ed da Universidade de São Paulo, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.
- LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos e Espaço Público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol 17, nº 49, junho/2002.
- MENDES, Diego (org.). *Os Equipamentos De Esporte e Lazer da Orla de Atalaia*. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. *Anais...* Porto Alegre, 2011.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. *A Cidade e a Produção dos Espaços Públicos de Lazer*. In: LIBERATO, Almir; SOARES, Artemis (org.). *Políticas Públicas de Esporte e Lazer: traços históricos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.
- PÉTONNET, Colette. *Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense*. *Revista Antropológica: Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 25, 2º. Niterói: EdUFF, 2009, p. 99-113.
- VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.